

Jornalismo Político Brasileiro e a Análise do Enquadramento Noticioso

Plínio Marcos Volponi Leal
Mestrando em Comunicação Midiática
Programa de Pós-Graduação da FAAC/UNESP

Resumo

A análise de enquadramento noticioso (*news frame*) é muito utilizada por pesquisadores norte-americanos e, nos últimos anos, vem ganhando força no Brasil, principalmente no que se refere às pesquisas em jornalismo político. Como há pouca bibliografia em português sobre esse conceito, este estudo também procura destacar a gênese do enquadramento e faz uma pesquisa exploratória sobre sua trajetória a partir de sua criação pelo sociólogo Erving Goffman, passando pela contribuição de Todd Gitlin até a famosa definição de Robert Entman. Além disso, há diferentes pesquisadores que utilizam este conceito e este estudo tem o objetivo de incentivar a análise de enquadramento no jornalismo político no Brasil, a fim de enriquecer a identificação dos enquadramentos criados pela mídia nacional. Em uma análise recente, o conceito de enquadramento foi aplicado na cobertura política pelos jornais impressos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* sobre o caso Sanguessugas e, como resultado, observou a pertinência teórica do enquadramento para análise da cobertura jornalística política.

Palavras-chaves:

Enquadramento noticioso (*news frame*); Jornalismo Político; Análise de Enquadramento (*Framing Analysis*)

Introdução

O Brasil e a América Latina já assumem um espaço importante em pesquisas em comunicação. Uma das principais características do pensamento comunicacional latino-americano é a aplicabilidade de conceitos estrangeiros em questões regionais. Contudo, cada teoria propõe abordagens específicas. São diferentes redes para pescar diferentes peixes (ALVES, 2001). De acordo com Park (2003):

As pessoas apenas enxergam o mundo através de uma moldura de uma janela. Se a moldura da janela é muito pequena, as pessoas já enxergarão uma pequena parte do mundo. Se a janela na parede é voltada para o oeste, as pessoas apenas enxergarão o oeste. Em outras palavras, a mídia pode mostrar apenas uma pequena parte do mundo a partir de um particular ponto de vista. (PARK, 2003, p.145, tradução nossa)¹

¹ “People only see the world within the frame of the window. If the frame of the window is too small, people will see only a small part of the world. If the window is on the west wall, people will only see the west. In other words, media may show only a small part of the world from a particular point of view”

Dessa forma, a mídia é a moldura da janela pela qual a opinião pública entrará em contato com uma pequena parcela da realidade, sendo os jornalistas responsáveis por sua construção. Em um noticiário, por exemplo, quem constrói essa realidade e a organiza em notícias é o jornalista. Essa ordenação consciente dos fatos pelo jornalista nem sempre é compreendida pelos leitores. Segundo Lage (1998, p. 378), o público, mesmo o mais instruído, é incapaz de perceber “o jogo de interesses por detrás das notícias”.

Em linhas gerais, a organização de determinados termos pode ser chamada também de enquadramento, ou seja, o jornalista opta enquadrar um fato de uma determinada forma e não de outra, enfocando assim uma parte da realidade em detrimento de outra. Scheufele (1999) afirma que “a mídia constrói a realidade social através do enquadramento de imagens da realidade”. Esse enquadramento de construções imagéticas é encontrado principalmente no jornalismo que busca a reconstrução dos fatos em notícias.

Segundo Lima (2001), significativos avanços têm sido registrados na pesquisa sobre comunicação e jornalismo. Existe uma tendência assentada em três linhas: “a construção da notícia (*newsmaking*), o poder de definição da pauta pública (*agenda-setting*) e o enquadramento da notícia (*framing*)”. O autor afirma que os estudos sobre *newsmaking* têm revelado que a “distorção involuntária” é inerente à produção de notícias. Já o *agenda-setting*, vem trabalhando na “definição dos mapas cognitivos que orientam a tomada de decisões cotidianas do cidadão comum e na determinação das áreas de atuação do poder público”.

Por outro lado, o conceito de enquadramento noticioso (*news frame*) apresenta um avanço importante na tradicional análise de conteúdo das mensagens da mídia (Lima, 2001). Da mesma forma corrobora Porto (2002), “o conceito de enquadramento tem sido definido tanto como alternativa a paradigmas em declínio, como também um complemento importante para cobrir lacunas de teorias existentes”. Nesse sentido, o enquadramento se tornou um instrumento analítico importante na pesquisa sobre o papel político dos meios de comunicação, apesar de não ter ainda levado a uma teoria consistente (ENTMAN, 1994 apud PORTO, 1999).

Segundo Koenig (2004), “em um nível muito simplista, enquadramentos estruturam quais partes da realidade se tornam notícia”. Para haver uma melhor

compreensão dessa concepção de enquadramento, é importante levar em conta o início do conceito e como ele vem sendo aplicado.

Dessa forma, este estudo faz um resgate histórico do conceito de enquadramento, desde o início de sua definição, criada pelo norte-americano Erving Goffman, passando pela contribuição de Todd Gitlin e chegando à famosa citação de enquadramento de Robert Entman. Não seria possível deixar de mencionar algumas críticas que são feitas quanto a essa abordagem teórica, como as diferentes aplicações do conceito de enquadramento, e também como alguns pesquisadores, inclusive brasileiros, utilizam o conceito de *framing*.

Origem do conceito de enquadramento

O conceito de enquadramento (*framing*) origina-se da obra *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience* do sociólogo norte-americano Erving Goffman. Apesar de ser considerado o responsável pela ontogênese da análise de enquadramento, Goffman afirma que o conceito tem sua origem em outros autores de tradição fenomenológica. Porém, foi ele quem desenvolveu a primeira articulação teórica mais sistemática, aplicando-o à análise das interações sociais (PORTO, 2002). Com base na Sociologia e aplicado em estudos de comunicação para referir-se às propriedades construtivas das representações jornalísticas, Goffman ressalta:

Eu assumo que definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que governam os eventos [...] e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadrar é a palavra que eu uso para referir a esses elementos básicos como eu sou capaz de identificar (GOFFMAN, 1974, p. 10, tradução nossa).²

Ao interpretar a literatura de Goffman, Porto (2002) afirma que “tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos que nos permitem responder à pergunta: ‘O que está ocorrendo aqui?’”. Koenig (2004), ao interpretar o conceito original de Goffman, propõe uma explicação mais clara sobre a definição:

² “I assume that definitions of a situation are built up in accordance with principals of organization which govern events [...] and our subjective involvement in them; frame is the word I use to refer to such of these basic elements as I am able to identify.”

Em outras palavras, enquadramentos são estruturas cognitivas básicas que guiam a percepção e a representação da realidade. Na totalidade, enquadramentos não são produzidos conscientemente, mas são adotados inconscientemente no curso do processo comunicativo. (KOENIG, 2004, p. 2, tradução nossa)³

Fisher (1997), em seu estudo que revisa o conceito de enquadramento, lembra que Goffman não investiu muito esforço no desenvolvimento do conceito de enquadramento, embora o autor corrobore que Goffman foi o responsável por iniciar um ramo da literatura de análise de enquadramento. Nos anos que se seguiram, outros pesquisadores buscaram desenvolver e aplicar o conceito aos estudos de jornalismo. Em seu estudo clássico sobre a cobertura dada aos ativistas e aos movimentos de paz durante a guerra do Vietnã pela mídia americana, Todd Gitlin (1980) apresenta uma síntese do conceito:

Enquadramentos são princípios de seleção, ênfase e apresentação compostos de pequenas teorias tácitas sobre o que existe, o que acontece e o que é importante. [...] [Enquadramentos midiáticos são] padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os detentores de símbolos organizam de forma rotineira o discurso, seja verbal ou visual. (GITLIN, 1980, p. 6-7, tradução nossa)⁴

Nesse momento, o enquadramento passa a ser visto como uma tática de organização do discurso pelo emissor, mesmo que suas intenções do emissor sejam inconscientes (SCHEUFELE, 1999). Anos mais tarde, o pesquisador Robert Entman foi o responsável pela integração do conceito original de enquadramento com a noção de hegemonia midiática, através de sua famosa definição de *framing*:

Enquadrar é *selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento* para o item descrito. (ENTMAN, 1993, p. 52, grifos no original, tradução nossa)⁵

³ “In other words, frames are basic cognitive structures which guide the perception and representation of reality. On the whole, frames are not consciously manufactured but are unconsciously adopted in the course of communicative processes.”

⁴ “Frames are principles of selection, emphasis and presentation composed of little tacit theories about what exists, what happens, and what matters. [...] [News frames are] persistent patterns of cognition, interpretation, and presentation, of selection, emphasis, and exclusion, by which symbol-handlers routinely organize discourse, whether verbal or visual.”

⁵ “To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described.”

Segundo Porto (2002), essa definição resume os aspectos centrais do conceito, principalmente das suas aplicações na análise de conteúdo da mídia. O pesquisador brasileiro acredita ser mais apropriado definir enquadramentos como recursos heurísticos que estimulam um padrão específico de interpretação, principalmente em questões políticas.

A (in)definição do conceito

Vários pesquisadores reconhecem a importância do conceito de enquadramento. Scheufele (1999), por exemplo, afirma que “a mídia constrói a realidade social através do enquadramento de imagens da realidade de uma maneira previsível e padronizada”. Outros defendem que o enquadramento noticioso organiza diariamente a realidade e é parte e uma parcela da realidade, uma característica essencial da notícia. (TOUCHMAN, 1978 apud SCHEUFELE, 1999). Existem também aqueles que defendem que os enquadramentos guiam os emissores e os receptores da mensagem jornalística. Por exemplo, McLeod e Detenber (1999):

O enquadramento noticioso é uma das mais importantes características de uma matéria, tanto em termos de fornecer um molde que guia os jornalistas a reunir fatos, citações e outros elementos da estória nas matérias e também para orientar interpretações pela audiência. (McLEOD e DETENBER, 1999, tradução nossa)⁶

Todavia, a análise de enquadramento vem sofrendo algumas críticas, como a de Koenig (2004) afirmando que a análise de enquadramento já não é a mesma de Goffman, apesar de freqüentemente ter apenas uma conexão “frouxa” com a formulação original. Porto (2002) corrobora com tal argumento e afirma que a culpa é dos diversos usos do conceito:

Apesar do seu uso crescente nos estudos sobre processos de comunicação, as primeiras revisões sistemáticas da literatura sobre enquadramento sugerem que ainda existe uma falta de clareza nos diversos usos do conceito e que

⁶“*The news frame is one of the most important characteristics of a new story, both in terms of providing a template that guides journalists in assembling facts, quotations, and other story elements into a news story and for orienting interpretations by audience.*”

muito precisa ser feito para se desenvolver uma teoria abrangente e coerente. (PORTO, 2002).

Fisher (1997) adota uma postura ainda mais negativa quanto a esse problema de indefinição:

Pegando como um todo, os vários ramos da literatura da ‘análise de enquadramento’ não exibem um consenso sobre as questões básicas, incluindo o que são *frames* ou como indivíduos e culturas fazem uso deles. A grande falta de consenso surge das muitas diferentes metodologias apontadas por vários autores que tem contribuído para a literatura de *framing*. (FISHER, 1997)⁷

Porto (2002) alerta que “um dos problemas mais sérios dos estudos sobre enquadramento é um forte ‘indeterminismo conceitual’: o conceito é utilizado de diversas formas, com sentidos distintos e designando objetos diferentes”. O autor também afirma que “os usos da noção de enquadramento são tão numerosos e variados que surgem dúvidas quanto à possibilidade de construção de um marco teórico claro, sistemático e coerente a partir do conceito”.

Diferentes abordagens de *framing*

Scheufele (1999) traz, em seu estudo, uma importante revisão das abordagens de enquadramento e procura solucionar os diferentes caminhos e pesquisas realizadas com relação ao campo conceitual de enquadramento. O autor propõe duas dimensões para o conceito de enquadramento: uma que envolve a dimensão entre o enquadramento midiático e o individual; e a outra que engloba o enquadramento dependente ou independente de variáveis.

A terminologia e a diferença conceitual de enquadramento midiático (*media frames*) e enquadramento individual (*individual frames*) vêm da contribuição de Kinder e Sanders (1990 apud SCHEUFELE, 1999) que afirmam que enquadramento serve tanto como “dispositivos intrínsecos no discurso político”, o que corresponde ao enquadramento midiático; como também “estruturas internas da mente”, o que

⁷ “Taken as a whole, the many branches of ‘frame analysis’ literature do not exhibit a consensus over some basic questions, including what frames are or how individuals and cultures make use of frames. This lack of consensus largely arises from the very different methodological aims of the various authors who have contributed to the framing literature.”

corresponde ao enquadramento individual. Em outras palavras, essa dimensão divide o que é enfatizado/salientado pela mídia e o que é interpretado pelo emissor/receptor.

A outra dimensão separa os enquadramentos como variável dependente ou variável independente. De acordo com Scheufele (1999), os estudos que enfatizam o enquadramento como variável independente geralmente focam os efeitos criados pelo enquadramento. Por outro lado, os que estudam os enquadramentos como variável dependente examinam a totalidade dos diversos fatores que influenciam a criação ou a modificação dos enquadramentos. No nível midiático, os jornalistas podem ser influenciados por várias variáveis sócio-estruturais ou organizacionais e pelas variáveis individuais ou ideológicas. No nível de audiência, o enquadramento está diretamente ligado à mídia e como os receptores são influenciados pela mensagem transmitida por ela.

Resumindo, Scheufele (op. cit.) divide o conceito de enquadramento em duas dimensões. A primeira que envolve o enquadramento midiático e o enquadramento individual e a segunda, o enquadramento como variável dependente ou independente. Ele afirma que há, portanto, quatro tipos de análise de enquadramento: o enquadramento midiático com variável dependente, o enquadramento midiático com variável independente, o enquadramento individual com variável dependente e o enquadramento individual com variável independente.

A) *O enquadramento midiático com variável dependente.* Utilizando esse segmento, é possível pesquisar “quais fatores influenciam a maneira que os jornalistas ou outros grupos sociais enquadram determinadas questões” ou, também, “como se dão esses processos e, como resultado, quais são os enquadramentos que os jornalistas usam”. Scheufele (op. cit.) também aponta pelo menos cinco fatores que podem potencializar a influência sobre como os jornalistas enquadram uma dada questão: valores e normas sociais, pressão ou coerção organizacional, pressão de grupos de interesse, rotinas jornalísticas e ideologias ou orientações políticas dos jornalistas.

B) *O enquadramento midiático com variável independente* visa compreender como se dão os efeitos midiáticos na recepção. É possível perguntar, por exemplo, “quais tipos de enquadramentos midiáticos influenciam a percepção da audiência em certas questões, e como se dá esse processo?”. Scheufele (op. cit.) indica que há dois grandes

grupos de pesquisadores: um que indica que os enquadramentos midiáticos têm um impacto nas atitudes, opiniões e enquadramentos individuais; por outro lado, o segundo grupo revela que apesar de a audiência adotar um enquadramento semelhante aos veiculados pela mídia, a proporção e o peso não são idênticos aos enquadramentos empregados pela imprensa.

C) *O enquadramento individual com variável dependente.* Essa relação entre enquadramentos midiáticos e individuais foi o motivo que levou os pesquisadores a analisar os estudos em indivíduos a partir de fatos ou temas. Com essa abordagem, é possível perguntar “quais fatores influenciam o estabelecimento de enquadramentos individuais de referência, ou os enquadramentos individuais são simples réplicas dos enquadramentos midiáticos?” ou “como um membro da audiência pode atuar com um papel ativo na construção do significado ou resistir aos enquadramentos midiáticos?” Gamson (1992b apud SCHEUFELE, 1999) identificou três tipos de formação de enquadramentos em um nível grupal: cultural, personalizado e integrado.

D) *O enquadramento individual com variável independente.* As pessoas usam os enquadramentos mestres ou chaves para gerenciar enquadramentos de ação coletiva, principalmente aqueles utilizados em movimentos sociais. Três grandes grupos foram considerados importantes nesta segmentação: enquadramento de diagnóstico (identificar o problema e atribuir culpa ou causalidade), enquadramento de prognóstico (especificando o que precisa ser feito) e enquadramento motivacional (“chamar as pessoas para a luta”). É possível perguntar, por exemplo, “como os enquadramentos individuais podem influenciar a percepção de questões individuais?”.

Essa contribuição de Scheufele (1999) trouxe um esclarecimento e um “norte” para as futuras pesquisas no campo de análise de enquadramento, possibilitando um primeiro mapa dos estudos já realizados. Como são centenas de pesquisas norte-americanas e outras espalhadas pelo mundo, essa re-definição pode ainda sofrer uma pequena alteração. Contudo, é possível dizer que a divisão em quadrantes é uma saída para as críticas primeiras à análise de enquadramento que apontavam uma não-coesão em relação ao conceito e às técnicas aplicadas.

Framing e Agenda-Setting

A combinação de enquadramento com tópicos de notícias e *agenda-setting* se deu a partir da revisão bibliográfica da famosa definição de Robert Entman sobre o conceito de enquadramento. Porém, há pesquisadores que confundem a aplicação de ambas perspectivas teóricas e utilizam o conceito de *framing* como uma complementação para uma análise investigativa, enquanto que, na verdade, o uso mais coerente seria combinar ambas perspectivas, observando os diferentes pontos de vista.

Scheufele (1999) afirma que, apesar de o enquadramento ter sido considerado por alguns teóricos como sendo um segundo nível do *agenda-setting*, é importante esclarecer que enquanto o *agenda-setting* se preocupa com a seleção e a saliências das matérias veiculadas (objeto), o *framing* atenta à seleção e à saliência dos termos veiculados (atributos da transmissão). Assim, são conceitos diferentes que lidam com perspectivas diferentes em um mesmo corpus. Leandro Colling (2004) também se preocupou em diferenciar *agenda-setting* e enquadramento, mostrando que são duas coisas distintas:

As hipóteses do *agenda-setting* fazem parte dos estudos norte-americanos em comunicação, pertencentes ao paradigma funcionalista, que reúne pesquisas preocupadas em analisar e detectar as funções dos meios e os efeitos causados sobre a audiência. [...] O *framing*, de um modo geral, é como temos que pensar os temas já estabelecidos pela agenda. (COLLING, 2004)

Na verdade, o *framing* diz respeito a como as interpretações dos fatos são organizadas em uma notícia, por exemplo. Carragee e Roefs (2004) afirmam que alguns estudos reduzem, erroneamente, os enquadramentos a tópicos ou temas de notícias. “Um enquadramento não é o mesmo que um tema, no qual é uma marca resumida de domínios das experiências sociais cobertas pelo estudo” (PAN e KOSICKI, 1993 apud D’ANGELO *et all*, 2005, tradução nossa)⁸. Os tópicos de notícias diferem os enquadramentos porque, o enquadramento constrói significados particulares se preocupando com questões por seus padrões de ênfase, interpretação e exclusão.

De acordo com Carragee e Roefs (2004), a redução de enquadramentos a tópicos de notícias, atributos ou perfil editorial ignora os modos nos quais os enquadramentos constroem um significado particular e como eles desenvolvem maneiras específicas de

⁸ “A frame is not the same as a topic, which is a summary label of the domain of social experiences covered by the study”.

ver as questões. Essa redução também negligencia como enquadramentos específicos são aplicados a questões múltiplas, e como uma simples posição de uma questão pode ser produto de mais do que um enquadramento.

Adaptando e importando conceito

É característico da Escola Latina Americana em Comunicação (ELACOM) importar teorias forâneas e aplicá-las em contextos regionais. A utilização do conceito de *framing* no Brasil não foi diferente. Os pesquisadores brasileiros, inclusive por fazer parte da ELACOM, importaram esta teorização e vêm aplicando-a em estudos nacionais, principalmente no jornalismo político.

Porto (2002) afirma que “o conceito de enquadramento tem sido aplicado de forma crescente também nos estudos sobre a relação entre a mídia e a política realizadas no Brasil”. Segundo o pesquisador, a utilização da noção de enquadramento no país se expandiu, principalmente, após as pesquisas realizadas sobre as eleições de 1998. Porto (op. cit.) lembra que em 1994 Afonso de Albuquerque já mostrava o pioneirismo nos estudos sobre o enquadramento no Brasil, ao analisar a cobertura da eleição presidencial pelo telejornal Jornal Nacional, da Rede Globo, entre os meses de março e maio de 1994.

Em seu estudo sobre *agenda-setting*, enquadramento e efeitos limitados, Colling (2001) fez uma explicação sobre o conceito de enquadramento de acordo com a visão de Entman e as possíveis aplicabilidades. Diferentemente do estudo aprofundado de Scheufele (1999), Colling dividiu as pesquisas sobre enquadramentos em duas grandes partes: uma que analisa os meios (informativa) e a outra que analisa a recepção (interpretativa). Sua pesquisa no Brasil colaborou com outros pesquisadores nacionais, inclusive com o levantamento bibliográfico e aplicabilidades possíveis do enquadramento.

A pesquisadora Aldé (2001), em sua tese de doutorado, aplica o conceito original de Goffman e o de Gitlin para servir como suporte teórico em sua pesquisa sobre o cidadão, a mídia e a atitude política. Segundo ela, o enquadramento é um recurso discursivo dos meios de comunicação e há uma necessidade de pesquisar mais estudos de

recepção, identificando como a audiência interage com as mensagens enquadradas pela mídia.

Porto (1999), pesquisador brasileiro que estudou na Universidade da Califórnia nos Estados Unidos, afirma que “enquadramentos são elementos constitutivos importantes das narrativas e do processo pelo qual fazemos sentido do mundo da política”. De acordo com seus estudos, faz-se necessário investigar a relação entre enquadramentos e pensamento político. Ressalta-se ainda que existe uma preocupação crescente com a interação entre os enquadramentos dos meios de comunicação e processos cognitivos individuais.

Sendo enquadramentos uma organização das interpretações de coisas e fatos, é possível crer que em diferentes países os enquadramentos encontrados não sejam totalmente semelhantes. As pesquisas nos Estados Unidos cresceram tanto que, atualmente, é possível identificar como a grande mídia norte-americana enquadra matérias sobre o terrorismo, por exemplo (ENTMAN, 2003). Ou como a audiência reage aos enquadramentos veiculados.

Pode-se afirmar, portanto, que há uma grande necessidade de pesquisas atuais sobre como a mídia nacional enquadra os assuntos e temas brasileiros. A questão sobre a corrupção e os escândalos políticos são exemplos de preocupações atuais que são específicas à audiência nacional. Sendo assim, os pesquisadores brasileiros devem aplicar o conceito de enquadramento noticioso na cobertura jornalística política nacional.

Uma análise realizada recentemente evidencia como os jornais impressos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* enquadraram o caso Sanguessugas em 2006 (LEAL, 2007). Foram definidas seis categorias de observação: Categorização do Fato; Provas Apresentadas; Defesas pelos Envolvidos; Tipificação dos Envolvidos; Referência às Bases Partidárias; e, Conseqüências. A partir da análise dos dados, a pesquisa demonstrou como cada veículo enquadrava estas seis categorias e salientou suas semelhanças e diferenças na cobertura realizada.

Não é o intuito deste trabalho fazer uma retrospectiva das principais análises realizadas no Brasil, mas buscou-se explicitar que atualmente há diferentes pesquisadores nacionais que utilizam o enquadramento, apesar das pesquisas serem ainda embrionárias e incipientes se comparada àquelas realizadas nos Estados Unidos. Essa observação de

poucas bibliografias em português parece se dar por um motivo aparente: a falta de traduções dos textos norte-americanos.

O conceito de enquadramento noticioso oferece uma sólida alternativa para analisar a mídia nacional, pois trata com a questão de como a mensagem é organizada, ressaltando preferências de um determinado enquadramento em oposição a outros. A importância desse conceito está diretamente relacionada à identificação das tendências dos meios noticiosos nacionais e à análise de comunicação com um enfoque que é específico do campo jornalístico.

Com esse levantamento bibliográfico, foi possível observar as diferentes formas da utilização do conceito de enquadramento e alguns dos pesquisadores brasileiros que apostam nessa abordagem. O que falta para o Brasil ganhar espaço nessa área de estudos são construções e identificações de enquadramentos na mídia nacional. As linhas gerais parecem estar disponíveis e depende agora dos próprios pesquisadores colaborarem com as análises de enquadramento para melhor compreendermos como a nossa mídia é organizada e como a audiência enquadra os temas com as quais convive diariamente.

Referências Bibliográficas

ALDE, A. **A construção da política**: cidadão comum, mídia e atitude política. 2001. 232f. Tese de Doutorado (em Ciências Humanas). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Loyola, 2000.

CARRAGEE, K.; ROEFS, W. The neglect of power in recent framing research. **Journal of Communication**, New York, v. 54, n.2, p. 214-233, jun. 2004.

COLLING, L. Agenda-setting e o framing: reafirmando os efeitos limitados. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 14, 2001.

D'ANGELO, P.; CALDERONE, M.; TERRITOLA, A. Strategy and issue framing: an exploratory analysis of topics and frames in campaign 2004 print news. **Atlantic Journal of Communication**, Madison, v. 13, n.4, p. 199-219, 2005.

ENTMAN, R. M. Cascading activation: contesting the White House's frame after 9/11. **Political Communication**, v. 20, n. 4, p. 415-432, 2003. Disponível em: <<http://queensu.ca/politics/pols313/entman.pdf>>. Acesso em: out. 2006.

_____. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, New York, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

_____. Framing US coverage of international news: contrast in narratives of the KAL and Iran air incidents. **Journal of Communication**, New York, v. 41, n. 4, 1991.

FISHER, K. Locating frames in the discursive universe. **Sociological Research Online**, v. 2, n. 3, 1997. Disponível em: <<http://www.socresonline.org.uk/socresonline/2/3/4.html>>. Acesso em: set. 2006

GITLIN, T. **The whole world is watching**: mass media and the making and unmaking of the new left. Berkeley: University of California, 1980.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**: an essay on the organization of experience. New York: Harper, 1974.

KOENIG, T. **On frame and framing**: anti-semitism as free speech: a case study. In: ENCONTRO ANUAL DO IAMCR, jul. 2004, Porto Alegre, RS.

LIMA, V. A. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LAGE, N. **Controle da opinião pública**: um ensaio sobre a verdade conveniente. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEAL, P. M. V. **News Frames no Jornalismo Político Brasileiro**: análise de enquadramento da cobertura do escândalo dos Sanguessugas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007. Santos, SP. CD-ROM.

MCLEOD, D. M.; DETENBER, B. H. Framing effects of television news coverage of social protest. **Journal of Communication**, New York, v. 49, n. 3, p. 3-23, 1999.

PARK, J. Contrasts in the coverage of Korea and Japan by US television networks: a frame analysis. **International Journal for Communication Studies**, Londres; Thousand Oaks; Nova Deli, v. 65, n. 2, p. 144-164, 2003.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A.A. (Org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: EdUFBA, 2004. p. 73-104.

_____. **Interpretando o mundo da política: perspectivas teóricas no estudo da relação entre psicologia, poder e televisão**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 23, 1999, Caxambu, MG.

SCHEUFELE, D.A. Framing as a theory of media effects. **Journal of Communication**, New York, v. 49, n. 1, p. 103-122, mar. 1999.

SOARES, M. C. Análise de enquadramento. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.